

# A entre-vista-encontro método da reportagensaio no jornalismo<sup>1</sup>

Recebido: 30 set.2014

Aprovado: 02 out. 2014

Raúl Hernando Osorio Vargas\*

Faculdade de Comunicações da Universidade de Antioquia–Colômbia. Colômbia.  
Contato com o autor: osoriova@gmail.com

**Resumo:** A entre-vista-encontro na narrativa da reportagensaio. Aqui são descritos e analisados os métodos de trabalho de campo dos jornalistas; e especialmente os processos do repórter como mediador-narrador entre a entrevista-encontro e a escritura. A entre-vista-encontro implica um método que vai à descoberta das vivências cotidianas e colhê-las com os afetos e as simpatias da compreensão. Numa abordagem dialógica a narrativa tece as considerações e as informações que universalizam a situação do cotidiano. Nesse caminho (método) se estabelecem as relações entre a conversa, a observação e a experiência-vivência; com o ensaio reflexivo e conceitual: emergindo as narrativas das personagens e os acontecimentos na reportagensaio. É uma pesquisa que dialoga com o saber, a oratura das pessoas e a teoria da história oral de vida, na busca da epistemologia da reportagem, nos sentidos humanos. Faz-se uma reflexão sobre a entre-vista-encontro como método transversal do jornalismo, das pesquisas, dos testemunhos, as histórias de vida e as narrativas humanas.

**Palavras-chave:** Entre-vista-encontro. Oratura. Escrita. Reportagensaio. Transculturação Narrativa.

**Resumen:** La entre-vista-encuentro en la narrativa del reportajensayo. Aquí son descritos y analizados los métodos de trabajo de campo de los periodistas; y especialmente los procesos del reportero como mediador-narrador entre la entrevista-encuentro y la escritura. La entre-vista-encuentro implica un método que va al descubrimiento de las vivencias cotidianas y las acoge con los afectos y las simpatías de la comprensión. En un abordaje dialógico la narrativa teje las consideraciones y las informaciones que universalizan la situación del cotidiano. En ese camino (método) se establecen las relaciones entre la conversación, la observación y la experiencia-vivencia; con el ensayo reflexivo y conceptual: emergiendo las narrativas de los personajes y los acontecimientos en el reportajensayo. Es una investigación que dialoga con el saber, la oratura de las personas y la teoría de la historia oral de vida, en la búsqueda de la epistemología

---

<sup>1</sup>Producto derivado del proyecto de investigación “El lugar de la oratura en la narrativa del reportaje”. Acta 643, Comité para el Desarrollo de la Investigación, CODI. Forma parte de la Estrategia de Sostenibilidad 2014-2015 del Grupo de Estudios Literarios-GEL, en la Universidad de Antioquia–Colombia.

del reportaje, en los sentidos humanos. Se hace una reflexión sobre la entre-vista-encuentro como método transversal del periodismo, de las investigaciones, de los testimonios, las historias de vida y las narrativas humanas.

**Palabras-clave:** Entre-vista-encuentro. Oratura. Escritura. Reportajensayo. Transculturación Narrativa.

**Abstract: The inter-view-meeting in the narrative of reportagensaio (essay report).**

Here are described and analyzed the methods of field work of journalists; and especially the processes of the reporter-narrator as a mediator between the interview and the writing. The inter-view-meeting involves a method that is going to explore the daily experiences and harvest them with the affections and sympathies of understanding. A dialogical approach to narrative weaves the considerations and information that universalize the everyday situation. This methodological way establishes the relationship between the conversation, observation and experience-living; with reflective and conceptual essay: emerging narratives of the characters and events in reportagensaio (report essay). It is a search that dialogues with knowledge, the orature of people and the theory of oral life history in the pursuit of the reportage epistemology and human senses. It is a reflection on the inter-view cross-gathering method as journalism, on research, testimonies, life stories and human narratives.

**Keywords:** Inter-view-meeting; Orature. Writing.Reportagensaio (Report Essay); Narrative Transculturation.

Se eu fosse objeto eu seria objetivo.  
Mas como eu sou sujeito, eu sou subjetivo.  
**Jean Paul Sartre**

Eu não sou eu  
eu sou você  
eu sou todos nós.  
Hoje eu mais nada faço  
eu somente falo pela tua voz.  
Hoje durante um segundo  
eu fiquei a sós  
S.O.S. com o mundo.  
Hoje eu encontrei no fundo  
do poço meu rosto  
e agora eu posso saber  
que milhões, milhões, milhões, milhões,  
milhões, milhões,  
somos na verdade.  
**Eu sou todos nós**  
**Zé Ramalho.**

## **Oral palavra viva**

A história oral de vida é uma experiência viva, um ato humano onde a busca e a descoberta permeiam o trabalho do oralista<sup>2</sup> na via para superar o pretendido objetivismo. Ela coloca sua atenção no sujeito, já que toda voz individual forma parte de um diálogo, de um encontro, de conversas com o outro, que quanto mais avançam, mais solidamente nossos eus se fundem.

Na história oral de vida a conversa se faz relato espontâneo que vai construir o documento histórico e nesse processo, no centro do trabalho do oralista, está a liberdade como o valor supremo do Ser Humano. A experiência de vida como prática das realidades do sujeito marca a presença existencial no relacionamento com o mundo, que visto através de observações participantes empíricas nos vários encontros, vai descobrir os sentidos das histórias de vida. Desta forma a abordagem empírica e experimental, como vivência individual não apaga a realidade mas a incorpora. No trabalho do diálogo somos sujeitos e objetos da experiência da fala, que ao mesmo tempo é pensamento e ação. Fala que age como pensamento para se converter em rico material histórico. Testemunho vigoroso de fidelidade ao mais profundo do Humano Ser. São as conversas sobre a alma das pessoas e por meio

---

<sup>2</sup> No jornalismo é o trabalho do repórter.

destes diálogos é que recontamos a história desde uma perspectiva aberta, inédita e com o sabor da vida. Saber saboroso. É que saber e sabor provem do latim *sapere*. Aí a etimologia nos permite o contato com a dimensão menos inteligente (mais sentida, outra inteligência) e mais analfabeta (menos letrada ainda que mais vivente das palavras). Eis porque todos os seres humanos são intelectuais. Como já sabemos “é impossível falar de não-intelectuais, porque não existem não-intelectuais”. (GRAMSCI, 1985, p. 7).

Essa outra inteligência mais analfabeta e mais saborosa, parte e contribui para a consolidação das profundas afinidades entre a comunicação, a cultura e a história, mas não como historicismo e sim como possibilidade de uma história aberta e democrática, que em lugar de apagar os excluídos e silenciados, permite transitar pelas esferas dos diálogos possíveis. Já que a história oral nesta visão de mundo é um imenso aporte à história pública, “(...) capaz de fazer veicular o saber em sua dimensão social mais ampla. A história oral, como tributária da história pública, se remete ao leitor comum, vigorando o princípio que privilegia o social como alvo do conhecimento” (MEIHY, 1991, p. 15).

O diálogo social é a revelação que corre atrás da comunhão pessoa a pessoa e em uma coparticipação do indivíduo no ato de pensar, faz recontecer a história dos esquecidos, dos chamados analfabetos. “O analfabetismo não é a exceção, e sim a regra. (...) foi o analfabeto que inventou a literatura. Suas formas elementares, do mito à canção de ninar, do conto de fadas ao canto, da oração à charada, são todas mais antigas que a escrita. Sem a transmissão oral não existiria a poesia, e sem os analfabetos não haveria livros”. (ENZENSBERGER, 1985, p.44). Mas para Enzensberger a questão não fica por aí, já que existe outro, sempre existirá o outro, o analfabeto secundário. “Ele é uma pessoa de sorte, pois não sofre com a perda da memória. (...) O fato de o analfabeto secundário não ter idéia de que é um analfabeto secundário contribui para seu bem-estar”. (ENZENSBERGER, 1985, p.49). Mas qual é a diferença entre eles? Que o analfabeto tem uma prodigiosa memória, habilidade em se concentrar, astúcia, inventividade, tenacidade e aguçado sentido auditivo. E mais... “Na maior parte dos casos as principais posições na política e na economia são ocupadas pelos analfabetos secundários. Nesse sentido, basta uma simples referência ao atual presidente dos Estados Unidos e ao atual chanceler da Alemanha”. (ENZENSBERGER, 1985, p.52). Porém, são os atributos do verdadeiro analfabeto que fazem possível o diálogo, o encontro, a conversa profunda, onde ele fica com a última palavra, “pois nada mais necessita do que uma voz e um ouvido”. (ENZENSBERGER, 1985, p.54).

Nesta visão a história oral de vida é uma história pública para os ouvidos, espécie de carnavalização onde desaparece a diferença entre atores e espectadores, ou seja, entre sujeito e

objeto. Não temos possibilidade, disse Mikhail Bakhtin, de permanecer fora do carnaval como observadores, sem ser afetados por ele. A história oral de vida é o detalhe que revela o todo. A alma do Humano Ser é sua projeção. Quem pronuncia a palavra faz a palavra. Ele é o sujeito da palavra e o signo acontecendo. Ele como sujeito não é, ele acontece como pensamento, fala e ação, por isso a palavra é um ato de existência, e a história oral de vida convida para os experimentos e o desafio do encontro que vai além do conhecimento superficial, para descobrir os significados dos seres humanos, transferência do conhecimento profundo e sensibilizado. Memórias que ancoram na experiência que questiona os valores mais recônditos de nossas vidas, procurando a nitidez dos fatos. O outro é uma realidade falada e subjetiva agindo em nossos pensamentos e por sua vez o repórter, trata de compreender o sentido dos acontecimentos falados: ato subjetivo. Diálogo de sujeitos, fala de analfabetos primigênicos, conversas intensas que falam do presente, do momento que estamos vivendo, que vai para o passado. O que é falado nos transforma. Aqui o acontecer é como ser contado porque no fundo a essência é o encontro. Dessa forma a história oral de vida é uma alternativa de visão de mundo, que se interessa pela história dos silenciados e de todos aqueles que aparentemente não têm história. Ela caminha pela memória individual, social e política. “A presença do passado no presente imediato das pessoas é razão de ser da história oral. Nessa medida, a história oral não só oferece uma mudança para o conceito de história, mas, mais que isto, garante sentido social à vida de depoentes e leitores que passam a entender a sequência histórica e a sentirem-se parte do contexto em que vivem”. (MEIHY, 1998, p. 13). Aqui oral não é letra morta é sim palavra viva e o trabalho do repórter deve pretender, pelo menos, “ser uma tradução, a mais próxima possível, do que nossos olhos, ingênuos então, viram, e do que nossa perplexidade suscitou”. (MEIHY, 1991, p. 10).

É evidente que a escrita é uma questão de poder e que o analfabeto não é um ser “absolutamente ou muito ignorante” (DICIONÁRIO AURÉLIO, 1995, p. 40). Os analfabetos vêm falando ao longo de 1 milhão de anos, ainda que os alfabetizados (analfabetos secundários) venham lendo e escrevendo há pouco mais de 3 mil anos antes de Cristo. De alguma maneira a escrita se converteu em um meio de comunicação que foi apropriado por uma minúscula minoria de pessoas que lêem e escrevem. Mas nossa própria cultura, a individual, a interna, a de cada um de nós, é oral no pensamento; o discurso é falado no cérebro. A voz e a imagem são o ponto de partida de nossa narrativa oral. “A imagem poética nos coloca diante da origem do ser falante”. (BACHELARD, 1978, p. 187). A magia da palavra que todos descobrimos na partilha, no encontro da comunidade. Confluência. A volta

à unidade depois da separação. O fluxo do fato–fala que nos arrasta no movimento contínuo do encadeamento dos atos humanos: história oral de nossa vidas. Circularidade que vem da reunião. Nessa narrativa de palavras que projetam imagens, viajamos à fogueira comunitária (mandala<sup>3</sup>) em torno da qual se multiplica a cultura oral. A fogueira e o lar simbolizam a sociedade humana e sua união em torno a uma forma, a um ser comum e vivo: o fogo, penetração ou absorção e sobretudo o motor da regeneração periódica. Fogueiras, fogos, falas, fatos... mandalas em busca de seu centro, formas circulares, veículos na busca de autoconhecimento. Processo de presentificação do sujeito em todas suas dimensões. Caminhos para chegar ao nosso próprio centro e ao estado de compreensão que permite ver o mundo presente como ele é: transitório, dinâmico e contraditório. As imagens vêm à nossa mente e se concretizam com a fala, eis o poder da palavra. Enquanto vamos falando as idéias de nossa fala ficam mais claras. Na medida em que falamos, no encontro com o outro, flui com mais facilidade nossa lembrança, aí é que estamos construindo memória e sempre que vamos a ela, que a invocamos, temos noção de nossa trajetória, de nossa história.

O método do repórter para superar o paradigma da objetividade é ir além do estudo sujeito–objeto caindo na imprescindível relação sujeito–sujeito traspassada pelo crivo das realidades. “A categoria do *Outro* é tão original quanto a própria consciência. Nas sociedades mais primitivas, nas mitologias mais antigas encontra-se sempre uma dualidade que é a do mesmo e a do outro”. (BEAUVOIR, 1970, p. 11). Esse modo de proceder do repórter reflete sua visão de mundo e sua moral de vida que se concretiza em sua ética para tratar o outro. É que a fala trata do tecido da ação e a intencionalidade humanas. É que não se pode defender uma interpretação sem adotar uma atitude moral e de fala. “Como somos agentes ativos da história e participantes do processo de fazê-la, cabe-nos, por outro lado, situar a ética profissional e técnica no contexto de responsabilidades mais amplas, tanto individuais e civis como políticas”. (PORTELLI, 1997, p. 13). É no descobrimento do outro e de como compreendê-lo no complexo mundo das diferenças que me confronto, como se fosse outro. “(...) a alteridade é uma categoria fundamental do pensamento humano. Nenhuma coletividade se define nunca como Uma sem colocar imediatamente a Outra diante de si. (...) Não há descrição, dita objetiva, que não se erga sobre um fundo ético. (...) Todo indivíduo que se preocupa em justificar sua existência sente-a como uma necessidade indefinida de se transcender.” (BEAUVOIR, 1970, p. 11, 22, 23). O sujeito não como o **Absoluto** mas como uma conjunção

---

<sup>3</sup> Segundo Carl Jung: “Símbolo do centro, da meta e de si mesmo, enquanto totalidade psíquica; auto-representação de um processo psíquico de centralização da personalidade, produção de um centro novo desta última”.

de experiências profundas com o Outro. A transcendência de todo indivíduo vai aliada a sua pretensão de se afirmar como sujeito, pretensão ética que é o caminho da existência e o reconhecimento no Outro e nas profundas cumplicidades humanas. E como chegar lá? No encontro. O encontro é por natureza plural, sem desconhecer a singularidade. O encontro é uma reciprocidade, uma partilha igual. Onde a palavra Ser cobra uma dimensão humana de reconhecimento do semelhante, em uma existência para si e para os Outros, na experiência concreta da vida. Conhecendo intimamente o outro em um esforço de lucidez lúdico. História oral de vida como ação social, produção de sentido, conhecimento e formação do sujeito social. A história oral é inerente à vida humana e ela está em busca de uma escrita a partir da **oratura: relato da oralidade popular**. Toda a evolução da reportagensaio<sup>4</sup> tem estado ligada à oratura do ser humano. Com Manuel Rui, escritor-ensaísta e poeta angolano, podemos dizer que o oral é texto e não apenas pela fala, porque há árvores, crianças, cenas comunitárias, gestos, sons, danças, braços, olhos, bocas, rituais: texto falado, ouvido e visto. Oratura em percurso, cheia da cosmicidade do rito. (RUI, 1987, p. 308-310). “A cultura popular, tomada na expressão de oratura, está à flor da pele na sociedade (...). O relato cultural vivo permanece disponível, apesar de o povo ter uma visão bastante crítica do jornalista que não ouve”. (MEDINA, 1991, p. 198).

É a experiência de mãos dadas com a tradição oral. Pelo qual é fundamental um ouvido refinadíssimo para captar o mundo do avesso oculto no temperamento das pessoas. Preceito para uma história de vida oral cotidiana do presente. As narrativas jornalísticas da contemporaneidade. Reflexões sobre a reportagensaio para uma história oral humanista e democrática, capaz de transmitir o mundo das vivências e das atmosferas onde moram os seres humanos, é dizer, *habitat* nas profundezas do humano ser. O repórter é um autor que não tem mais remédio que respirar o mundo. O repórter é um ensaísta da construção e ressignificação da memória. Infalível sonho da humanidade. “As palavras são símbolos que postulam uma memória compartilhada”. (BORGES, 1977, p. 44). Mas que espelho é esse da memória? Entrevistar para quê? **Entre-vista** olhada, escutada e sentida como diálogo, encontro, conversa profunda de comunhão, método da história oral de vida, disciplina que

---

<sup>4</sup>Reportagensaio: descobrir, reconstituir e transmitir ensaiando. Reportagensaio concebida como narração detalhada de situações e conversas da vida cotidiana dos seres humanos que vivem em espaços e tempos. Ela parte do fato verídico, procurando as explicações mais sutis, empreendendo uma viagem de retorno, até encontrar uma composição criativa com suas múltiplas vozes. Como pesquisa, pode ser considerada uma atividade lúdica que apanha diversas perspectivas em contraponto, exacerba dinamicamente os contrastes e nos faz descobrir novas maneiras de ler ou de ver o já visto ou lido”. Esse conceito está apresentado de forma robusta na minha tese de doutorado, onde propus dito neologismo, como uma noção fundamental no jornalismo narrativo. (OSORIO, 2003).

produz conhecimento, saberes como sentires e sabores de um mundo mais humano e menos teoricista. E o poder do silêncio, onde é que ele fica? No convívio íntimo, já que também ele é uma expressividade e um dizer de nossa vida. Ainda que o lembrar cumpre uma função de diálogo, o calar expressa o não dito, que é uma forma do dizer. É que os silêncios contam porque são um ato de resistência. Em um diálogo polifônico que acaba com o poder dos “letrados” e “transforma uma entrevista de campo num experimento em igualdade”. (PORTELLI, 1997, p. 10).

### **A textualização**

O processo de entrevistas (diálogos, encontros, conversas) múltiplas com o “entrevistado” e cada um de seus familiares, amigos e colaboradores é a história de sua família e de seu entorno. “Segundo Jacques Loew, em *Journal d’une missionouvrière* é preciso que se forme uma *comunidade de destino* para que se alcance a compreensão plena de uma dada condição humana. *Comunidade de destino* já exclui, pela própria enunciação, as visitas ou estágios temporários no *locus* da pesquisa. Significa sofrer de maneira irreversível, sem possibilidade de retorno à antiga condição, o destino dos sujeitos observados.” (BOSI, 1994, p. 38).

A história oral de vida tem possibilidades infinitas de desenvolvimentos que o repórter deve aprofundar. Porém seu sentido pragmático da experiência lhe faz refletir sobre uma em particular; já que compreender, em uma dimensão profunda, essa história de vida oral lhe mostrará o caminho a percorrer na textualização. Mas nessa longa caminhada o primeiro passo será a anulação da voz do “entrevistador” dando espaço para a fala do narrador. Já que “textualização é um estágio mais graduado na feitura de um texto de história oral. Consta desta tarefa a reorganização do discurso, obedecendo à estruturação requerida para um texto escrito. Através da soma das palavras-chave, estabelece-se o *corpus*, isto é, a soma de assuntos que constituem o argumento”. (MEIHY, 1991, p. 30).

Para o trabalho da reportagem desenvolver, um projeto de história oral de vida aponta novas trilhas a ser descobertas e ter a sua frente muitos outros encontros e textualizações; “ainda que muitas pessoas confundam o ato da entrevista com a história oral, ela deve ser vista como uma das etapas do projeto. A entrevista possui degraus: pré-entrevista, entre-vista e pós-entrevista”. (MEIHY, 1998, p. 62). Já que “A história oral de vida é muito mais subjetiva que objetiva. Sua força, aliás, reside nisso. Atualmente, a história oral de vida tem sido uma das formas mais cultivadas do gênero. Como o próprio nome



indica, trata-se da narrativa do conjunto da experiência de vida de uma pessoa. Nesse caso, deve ser dado ao narrador espaço para que sua história seja encadeada segundo sua vontade”. (MEIHY, 1998, p. 45).

Assim o repórter enveredará pela compreensão como desafio de se incorporar no outro, para escrever sua oratura e para dizer com Borges: “Senti, na última página, que minha narrativa era um símbolo do homem que eu fui enquanto escrevia, e que, para escrever essa narrativa, fui obrigado a ser aquele homem e que, para ser aquele homem, tive de escrever essa narrativa, e assim até o infinito. (No instante em que deixo de acreditar nele, “Averróis” desaparece).”(BORGES, 2008).

### **Observador em experiência transcultural<sup>5</sup>**

Disse o Gabriel García Márquez que quanto mais tinha escrito menos tinha logrado distinguir os gêneros do jornalismo e afirmou que é impossível não reconhecer que a entrevista –não como gênero senão como método– é a fada madrinha da qual se nutrem todos os gêneros. Mas não lhe parecia um gênero em si mesma, como não lhe parecia, também não, que o seja o roteiro com relação ao cinema.

Nunca se aprenderá a distinguir a primera vista entre reportaje, crónica, cuento y novela. Pregúnteselo a los diccionarios y se dará cuenta de que son los que menos lo saben. Es un problema de métodos: todos los géneros mencionados tienen sus puertos de abastecimiento en investigaciones y testimonios, en libros y documentos, en interrogatorios y encuestas, y en la creatividad torrencial de la vida cotidiana. Y sobre todo en entrevistas hechas no para publicar dentro de los formatos convencionales del género, sino como viveros de creación y de vida de todos los otros. Y dicho esto habría que reconocer que la entrevista es el género maestro, porque en ella está la fuente de la cual se nutren todos los demás<sup>6</sup>. (GARCIA, 2001).

---

<sup>5</sup> Tradução livre do autor a partir do original: “[...] entendemos que o vocábulo transculturação expressa melhor as diferentes fases do processo transitivo de uma cultura a outra, porque este não consiste somente em adquirir uma cultura distinta, que é o que a rigor indica a expressão inglesa aculturation, mas que o processo implica também e necessariamente a perda ou o desenraizamento de uma cultura precedente, o que se poderia denominar deculturação; e, além disso, significa a conseqüente criação de novos fenômenos culturais que se poderiam denominar de neoculturação. [...] A criatura sempre tem algo de ambos os progenitores, mas também sempre é distinta de cada um dos dois. Em conjunto, o processo é uma transculturação e este vocábulo compreende todas as fases de sua parábola.” (ORTIZ, 1978, p. 96-97). A partir de essa proposta Ángel RAMA, escreveu sua obra: *Transculturación narrativa en América Latina*. México, Siglo XXI Editores, 1982.

<sup>6</sup> Tradução livre do autor a partir do original: “Nunca se aprenderá a distinguir à primeira vista entre reportagem, crônica, história e romance. Basta perguntar aos dicionários e se perceberá que eles são os que menos sabem. É um problema de métodos: todos os gêneros acima têm seus portos de abastecimento nas investigações e depoimentos, em livros e documentos, entrevistas e pesquisas, e na criatividade torrencial da vida cotidiana. E especialmente em entrevistas realizadas não para publicar no formato convencional do gênero, mas como viveiros de criação e de vida de todos os outros. Dito isto havia que reconhecer que a entrevista é o gênero mestre porque é a fonte da qual se nutrem todos os outros”.(GARCIA, 2001).

Eis a entrevista: o caminho do encontro com o outro. No trabalho do jornalista e das ciências sociais, a entrevista é via para procurar as expressões humanas que permanecem no limiar da parte mais íntima da cultura. Sabemos que a reportagem escrita se encontra precedida pela fala e que a arte de narrar é parte da vida mesma, integrada às manifestações sociais. A oratura que sai do cotidiano do Humano Ser desenvolve as histórias, que são parte do acontecimento na comunidade. Para reviver o passado e fixar o presente, temos que ir através de nossa oratura e devemos reinstaurar a velha prática do diálogo entre os humanos, onde as diversas partes saem enriquecidas.

Tanto as ciências humanas como a reportagensaio dependem de entrevistas com pessoas, sujeitos de pesquisa ou narradores, que são nossos colaboradores e parceiros em nosso projeto. Mas o que emerge desses depoimentos é a versão dos fatos, por isso as entrevistas sempre estiveram na ordem do dia na forma ou maneira de captação das experiências de vida. O trabalho da reportagensaio precisa de pesquisa, maior reflexão e tempo, um domínio da arte de escutar o outro e viver em sintonia com ele. As conversas dos repórteres com seus entrevistados mostram os caminhos da comunicação. Por essas vias o jornalista desenvolve a entrevista para além da técnica, nas suas virtudes dialógicas.

No cotidiano do homem contemporâneo há espaço para o diálogo possível. Estão aí experiências ou exceções à regra que provam o grau de concretização da entrevista na comunicação coletiva. Sua maior ou menor *comunicação* está diretamente relacionada com a humanização do contato interativo: quando, em um desses raros momentos, ambos –entrevistado e entrevistador– saem ‘alterados’ do encontro, a técnica foi ultrapassada pela ‘intimidade’ entre o EU e o TU (MEDINA, 1995, p.7).

Nesta visão, a entrevista é a essência do jornalismo de qualidade e a arte da reportagensaio. Assim mesmo, a entrevista nas ciências humanas:

(...) suscitou, e suscitará ainda, um gigantesco trabalho crítico e metodológico. (...) A entrevista, evidentemente, se funda na mais duvidosa e mais rica das fontes, a palavra. Ela corre o risco permanente da dissimulação ou da fabulação. (...) A questão aberta, a resposta espontânea, trazem (e sobretudo para a análise profunda), na fabulação, um sentido verídico, uma riqueza significativa: mas desta vez, o maior risco de erro situa-se no lado do investigador, na sua aptidão para decifrar a mensagem do entrevistado. (...) O entrevistador deve possuir num grau raro os dotes de objetivação e de participação subjetiva. O que significa que o pesquisador deveria estar à altura do papel de confessor leigo da vida moderna. (MORIN, 1973, p. 120-123).

Eis porque entrevista provém da palavra francesa *entrevoir*, que significa “ver-se reciprocamente”, ou melhor, misturar-se, como tem acontecido durante séculos em *Nossa América Mestiça*. Esta noção de entrevista como método, caminho ao encontro, vai da mão da

experiência-ação; mas ação além das presenças físicas, abrangendo a ação-sobre-a-experiência própria ou dos outros. Experiência como conhecimento em movimento, vivência com participação do sujeito, é dizer, a experiência do vivido, campo das ciências humanas: antropologia, filosofia, história, psicologia, semiótica, sociologia, todas preocupadas em desvendar a comunicação com o outro, ou seja, a comunicação em processo. Assim: “A comunicação se torna apenas um ‘espaço’, uma encruzilhada onde as diversas disciplinas das ciências sociais e humanas se encontram e se fundem.” (DIAS, 1999, p. 16). Aí está a emergência do sujeito humano na experiência-ação falada, fenômeno muito poderoso na América Latina, onde as majorias vivem na cultura oral: expressão de sua visão do mundo, do sentir, do pensar, do amar, atos que vão além do chamado analfabetismo.

A entrevista não é só instrumento ou ferramenta e sim método, dentro de um processo que aborda a essência de nossa experiência subjetiva, para chegar às versões da vida e não a uma verdade, dos fatos do mundo. Entrevista, efervescência sagrada de comunhão. Mas o que é a entrevista vista de dentro? Um ritual em complexidade não só exterior, mas também interno do encontro sujeito-sujeito, na confissão de seres humanos que vivem tempos extraordinários de turbulências e de urgências afetivas, procurando sua senda entre o sagrado e o profano,<sup>7</sup> onde o modo complexo de caminhar-pensar:

surge como impossibilidade de simplificar lá onde a desordem e a incerteza perturbam a vontade do conhecimento, lá onde a unidade complexa se desintegra se a reduzirmos a seus elementos, lá onde se perdem distinção e clareza nas causalidades e nas identidades, lá onde as antinomias fazem divagar o curso do raciocínio, lá onde o sujeito observador surpreende seu próprio rosto no objeto de sua observação. (MORIN, 2000, p. 132).

Entrevista, inteligência em ação que transforma o subsolo dos seres vividos, cheios de experiência, que abrem seus corações e contam suas complexidades, porque a história está dentro de nós, essa coisa natural que a gente leva consigo, no eu princípio da unidade, o eu incluído no outro eu. Encontro como método de conhecimento e rede de conexões entre as pessoas, os fatos, e o mundo. A experiência vivida guia a entrevista no diálogo, na conversa, no encontro, rumo à alteridade, essa comunhão de intimidade na consciência de cada um. A vivência como experiência de vida é o momento em que se pode produzir a revelação do outro em profundidade. No método da entrevista, o observador participante entra na realidade

---

<sup>7</sup> Como bem falou o poeta espanhol, Antônio Machado: – *Caminhante, não há caminho, se faz caminho ao andar.*

do seu sujeito de pesquisa através da empatia. Já que podemos ter a liberdade de ver o outro como se vive a arte. “Um romance, um poema, um quadro, um trecho de música são indivíduos, isto é, seres em que não se pode distinguir a expressão do exprimido, cujo sentido só é acessível por um contato direto e que irradiam sua significação sem abandonar seu lugar temporal e espacial. É nesse sentido que nosso corpo é comparável à obra de arte.” (MERLEAU-PONTY, 1971, p. 162). Mas nossa existência, ao dizer de Boaventura de Sousa Santos, deve ser recontextualizada, assinalando “a emergência das especialidades contra o espaço e das temporalidades contra o tempo.” (SANTOS, 1991, p. 277). Contextos que são encontros de temporalidades concretas e que se constituem em redes de transculturação. “Distingo quatro desses contextos: o contexto doméstico, o contexto da produção, o contexto da cidadania e o contexto da mundialidade.” (SANTOS, 1991, p. 277). É que somos sujeitos que vivemos em diferentes comunidades com espacialidades e temporalidades próprias e porosas. “Talvez mais que em nenhuma outra época, vivemos num tempo de porosidade...” (SANTOS, 1991, p. 278) que nos força a constantes transições e transgressões; vivências em interseção de diferentes fronteiras porosas, abertas e fechadas, que compõem a dimensão fenomenológica do pluralismo humano. “Entre o individualismo e o coletivismo proponho o coletivismo da subjetividade como uma das vias possíveis de construção de uma nova teoria da subjetividade.” (SANTOS, 1991, p. 279). Nestas redes de transculturação<sup>8</sup> vivemos a experiência de observadores; mas para além do observador participante propomos o observador da experiência transcultural, a partir de dentro de si e do outro, nas quatro subjetividades–contextos identificados por Boaventura de Sousa Santos. Em outras palavras **uma epistemologia do ato da entrevista na reportagensaio**. Entrevista, espaço sagrado em um momento ritual, onde os sujeitos participantes se relacionam (entre si) dentro do território da comunhão. Aqui não tem espectadores, só atores participantes, que por meio de seu diálogo, tornam seu encontro cada vez mais intenso e envolvente, procurando uma fusão nas relações que sucessivamente cada um vive, para experimentar o clima *encontrado* nas mutações da história oral de vida, onde se produz um grau *escrito* do falado e um *falado* do escrito: via metafórica da entonação afetiva complexa.

---

<sup>8</sup> Tradução livre do autor a partir do original: “Toda mudança cultural, ou... toda transculturação *é um processo no qual sempre se dá algo em troca do que se recebe; é um "tomar e dar"...* E um processo no qual ambas as partes da equação resultam modificadas. Um processo do qual resulta uma nova realidade, composta e complexa. Uma realidade que não é uma aglomeração mecânica de características, nem sequer um mosaico, mas um fenômeno novo, original e independente. Para descrever tal processo o vocábulo transculturação proporciona um termo que não contém a implicação de uma dada cultura à qual deve ter a outra, mas uma transição entre duas culturas, ambas ativas, ambas contribuintes e ambas cooperantes para o advento de uma nova realidade civilizatória”. (MALINOWSKI, Introdução, 1978, p. 4-5).

## Vivência–mediação

Nesta proposta da reportagem–história oral de vida, o encontro, o intercâmbio humano, o diálogo possível, é um movimento sagrado.

Bastará lembrar no que se tornaram, para o homem moderno e a-religioso, a cidade ou a casa, a Natureza, os utensílios ou o trabalho, para perceber claramente tudo o que o distingue de um homem pertencente às sociedades arcaicas ou mesmo de um camponês da Europa cristã. Para a consciência moderna, um ato fisiológico –a alimentação, a sexualidade etc.– não é, em suma, mais do que um fenômeno orgânico, qualquer que seja o número de tabus que ainda o envolva (que impõe, por exemplo, certas regras para ‘comer convenientemente’ ou que interdiz um comportamento sexual que a moral social reprova). Mas para o ‘primitivo’ um tal ato nunca é simplesmente fisiológico; é ou pode tornar-se um ‘sacramento’, quer dizer, uma comunhão com o sagrado. (ELIADE, 1992, p. 20).

O sagrado: a história dos seres humanos que moram na oratura e expressam para o outro, as necessidades próprias das experiências vividas. Eis a oficina sagrada da narrativa contemporânea ou livro da alma, caminho dos sábios analfabetos e anônimos, experimentadores da ensaística comunicativa chamada oratura–escritura<sup>9</sup>. Os participantes desta comunhão afetiva, conscientes dos deveres que assumem, rompem o tecnicismo, para gerar uma narrativa do sujeito presente no mundo, integrado à sua vivência–ação, formada na intimidade da consciência, de cada um dos associados ao encontro, onde as existências são como as páginas no livro do tempo. Mediações que vivem nos indivíduos e nas relações sociais e culturais, onde nasce e cresce a reportagem experiencial, como modulações das oraturas participativas e laboratório da identidade cultural da vida cotidiana. O repórter das realidades, como ser integrante da sociedade, se funde com seu sujeito–objeto de estudo. Rumo que nos adentra pelos “labirintos” das transculturações, onde a intuição é outro dos métodos do conhecimento nas ciências da cultura. Assim, os repórteres vamos aglutinando métodos, caminhos, para viajar no processo do conhecimento da vida dos outros. Pluri–métodos para chegar ao nosso destino sagrado ou profano, onde cada fato social tem um sentido especial que só cobra significação nos valores compartilhados pelos indivíduos da sociedade. Nesses múltiplos caminhos, o repórter pesquisador vai captar os fatos que lhe permitam encontrar os motivos subjetivos que impulsionam o comportamento do ser humano. Na via da compreensão, que implica a imersão nas vivências íntimas, se revivem, na mente do

---

<sup>9</sup> “(...) “escritura”, no caso, um espaço da linguagem em que a narrativa e o discurso perdem seus caracteres definidores e entram em regime de cruzamento e simultaneidade. (...) *escritura* seria, a rigor, um exercício fenomenológico que tem por objeto as relações entre a consciência e a palavra, o *eu* e o ato de escrever.” (BOSI, 1978, p. 13).

pesquisador, os elementos das situações em contextos. Por esses meios a reportagensaio é uma filosofia social que se apoia na interiorização cada vez maior, *na lei escrita no coração*.

Ao longo do tempo, por milênios talvez, desenvolveu-se em nós uma capacidade que nos permite ver o que existe. Há um acervo, na mente e no coração do homem, mediante o qual a beleza pode ser encontrada em graus bastante sutis. Dizendo de modo simples: sabemos o que está fora pelo que está dentro, mas o que está dentro é, também, a apreensão do que está fora, dependendo esta dos graus e níveis de refinamento alcançados. (TRINCA, 1991, p. 49).

Ser Humano que aparece no seu falar: humano Ser revelado em sua conversa, já que a palavra mostra seu coração. As bocas falam as palavras, que são luz para a consciência e sementeiras vencendo preconceitos, na conversa–escuta–conversa, virando pelo avesso nossa existência e mudando na unidade o oral em escritura que comunica, aproxima as pessoas e as mantém juntas. Experiências humanas em tempos de iluminação entre o agora, o passado e o futuro. “O espaço fenomenológico é vivência e mediação com o mundo. É um espaço instituído na entrevista, onde são realizados todos os movimentos e atos necessários à entrevista e que mostra, em todos os atos e num único ato, o modo como o *cliente*<sup>10</sup> habita o mundo e a existência.” (CARVALHO, 1991, p. 63). Assim as pessoas simples, como livros abertos, escrevem a história através de seus atos. Com Carl Gustav Jung, podemos dizer que no interior de cada pessoa existem muitos pólos opostos. Assim, o inconsciente trata de unir esses pólos, para chegar à unicidade ou integração total da pessoa através do encontro–conhecimento. Contudo, o que importa no encontro é a existência da transfiguração humana e pessoal do instante, que torna possível a lembrança, do que tem acontecido: isso é o que está diante deles, para fazer a fala atravessar a escritura de uma narrativa, no presente indicativo contínuo e na forma infinita do verbo...

Agora escutemos a chamada! Vamos correr o risco e desafiar esse desfiladeiro aberto das falas. Agora fala-me de ti. O que fazes?

E os Seres Humanos iluminados pela lembrança que transportam consigo, encaminham até a lembrança para se encontrar, continuar em viagem e assumir suas largas passadas. Porque ainda temos tempo para dialogar e enunciar o legado mais palpável que nos deixam. Acompanhados, compreendemos e apreendemos a apalpar e a construir as pessoas para permanecer na escritura, permitindo o tempo nunca se desbotar, superar a porosidade da

---

<sup>10</sup> Cliente no Serviço Social, mas preferimos aqui: Ser Humano.

memória e redescobrir como continuamos morando em nossa cabeça, na fala e nas imagens: escuta, nos dizem, personas gratas, com seu magma de transculturação.

Em tempos da modernidade líquida, Zygmunt Bauman nos acompanha, para ir ao minúsculo das coisas, à competição das matérias, e ganhar em escutar o físico, e viver uma incrível dialética da coesão e da adesão e potencializar a força do mundo para o atendimento das necessidades humanas existentes ou que possam vir a existir. Projetos do encontro, essa ação potencialmente infinita, *rizomática* (DELEUZE, 1995, p. 7-37) e *liquida*. (BAUMAN, 2001). Vamos, caminhemos nesta reportagem enraizada no compromisso afetivo, na compreensão intuitiva do encontro vivido... onde interatuam atores múltiplos *glocalizados* que estruturam suas relações simbólicas e seus imaginários visuais no meio de fluxos mediáticos.

### Referências

- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo, Abril Cultural, (Os pensadores) 1978.
- BAUMAN, Zigmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro, Zahar, 2001.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1970.
- BORGES, Jorge Luis. El Congreso. In: **El libro de arena**. Barcelona, Plaza & János Editores, 1977.
- BORGES, Jorge Luis. **A busca de Averróis**. In: O Aleph. São Paulo, Companhia das Letras, 2008.
- BOSI, Alfredo. **Apresentação** DAL FARRA, Maria Lúcia. **O narrador Ensimesmado** (O foco narrativo em Vergílio Ferreira), São Paulo, Editora Ática, 1978.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo, Companhia das Letras, 3. Ed., 1994.
- CARVALHO, Anésia de Souza. **Metodologia da entrevista: uma abordagem fenomenológica**. Rio de Janeiro, segunda edição, Agir, 1991.
- DELEUZE, Gilles. **Introdução: Rizoma**. In: **Mil platôs – capitalismo e esquizofrenia**/ Gilles Deleuze, Félix Guattari, Rio de Janeiro, Ed. 34, 1995.
- DIAS, Paulo da Rocha. **Apresentação**. In: **Comunicação, cultura, mediações: O percurso intelectual de Jesús Martín-Barbero** / Organização de José Marques de Melo e Paulo da

Rocha Dias. São Bernardo do Campo: Umesp: Cátedra Unesco de Comunicação para o Desenvolvimento Regional, 1999.

DICIONÁRIO AURÉLIO, **Básico da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1995.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. São Paulo, Martins Fontes, 1992.

ENZENSBERGER, Hans Magnus. **Elogio ao analfabetismo. In: Mediocridade e loucura e outros ensaios**, São Paulo, Editora Ática, 1985.

GARCÍA, Márquez Gabriel. Sofismas de distracción, in *Cambio*, Bogotá: 2001. Disponível em: <http://www.salade-prensa.org/art201.htm>.

GRAMSCI, Antônio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1985.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Introducción a Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar de Fernando Ortiz**. Caracas, Venezuela, Biblioteca Ayacucho, 1978.

MEDINA, Cremilda. “Jornalismo e a Epistemologia da Complexidade”. In: MEDINA, Cremilda (org.). **Novo Pacto da Ciência 1: A Crise dos Paradigmas - 1º Seminário Transdisciplinar**. São Paulo, ECA/USP, 1991.

MEDINA, Cremilda. **Entrevista o diálogo possível**. São Paulo, Editora Ática, 1995.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Canto de Morte - Kaiowá**. São Paulo, Edições Loyola, 1991.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. São Paulo, Edições Loyola, 2ª edição: maio de 1998.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. Trad., Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1971.

MORIN, Edgar. **A entrevista nas Ciências Sociais, no Rádio e Televisão. In: Linguagem da Cultura de Massas: Televisão e Canção / Morin, Moles, Friedmann e outros**. Petrópolis, R.J., Editora Vozes, 1973.

MORIN, Edgar. **A epistemologia da complexidade. In: A inteligência da complexidade / Edgar Morin & Jean-Louis Le Moigne**, São Paulo, Editora Peirópolis, 2000.

ORTIZ, Fernando. **Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar**. Caracas, Venezuela, Biblioteca Ayacucho, 1978.



OSORIO, Vargas Raúl. **O lugar da fala na pesquisa da reportagensaio: “o homem das areias”, um flagrante do diálogo oratura-escritura.** São Paulo, tese doutorado, área de concentração jornalismo, Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, 2003.

PORTELLI, Alessandro. **Forma e significado na História Oral. A pesquisa como um experimento em igualdade.** In: Projeto História, revista do programa de estudos de pós-graduados em história e do departamento de história. São Paulo, PUC-SP, N° 14, Fevereiro/97.

PORTELLI, Alessandro. **Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral.** In: Projeto História, revista do programa de estudos de pós-graduados em história e do departamento de história. São Paulo, PUC-SP, N° 15, Abril/97.

RUI, Manuel. **“Eu e o outro – O Invasor ou em poucas três linhas uma maneira de pensar o n: MEDINA, Cremilda.Sonha Mamana África.** São Paulo, Edições Epopéia, 1987, pp. 308-310.

SANTOS, Boaventura de Sousa. O Estado e o Direito na Transição Pós-Moderna: Para um Novo Senso Comum. In: **Humanidades**, v. 7, n. 3, 1991.

TRINCA, Walter. **A etérea leveza da experiência.** São Paulo, Edições Siciliano, 1991.